

ABRIL 2021

BROTÉRIA

CRISTIANISMO E CULTURA

BROTÉRIA
CRISTIANISMO E CULTURA

GEOPOLÍTICA
DA COVID 19
Maria de Belém Roseira

RUANDA E FRANÇA:
MEMÓRIA E FUTURO
Teresa Nogueira Pinto

O INTERIOR:
REPRESENTAÇÕES DO
TERRITÓRIO
E CARTOGRAFIAS
IMAGINÁRIAS
Álvaro Domingues

OS 75 ANOS
DO CENTRO NACIONAL
DE CULTURA
Guilherme d'Oliveira Martins

ELESBÃO E EFIGÊNIA,
DOIS SANTOS
NEGROS NUMA CAPELA
MINHOTA
António Andresen Guimarães

A ÍNDOLE PASTORAL
DA DOCTRINA
CRISTÃ
José Frazão Correia SJ

O JESUÍTA
MANUEL ANTUNES,
DO SCRIPTOR
AO AUCTOR
Pierre-Antoine Fabre

ELOQUÊNCIA
E ESPETACULARIDADE
NOS SERMÕES
ITALIANOS DE VIEIRA
Manuel Ferro

+
CADERNO CULTURAL
Legómena, Ágora, Património, Museu,
Cinema, Séries, Recensões
Na Brotéria

Diretor	António Júlio Trigueiros SJ
Diretor adjunto	Manuel Lencastre Cardoso SJ
Conselho de direção	Francisco Sasseti da Mota SJ
	João Norton de Matos SJ
	Vasco Pinto de Magalhães SJ
Conselho de redação	Carlos Capucho
	Francisco Malta Romeiras
	Guilherme d'Oliveira Martins
	Henrique Leitão
	Joaquim Sapinho
	José Carlos Seabra Pereira
	José Souto de Moura
	Manuel Braga da Cruz
	Margarida Neto
	Miguel Corrêa Monteiro
Caderno Cultural	Madalena Tamen
Revisão de texto	Maria Benedita Soares Franco
	Teresa Esteves da Fonseca
Comunicação e imagem	Benedita Pinto Gonçalves
Design gráfico	Nonverbal Club
Impressão e acabamentos	Minhografe – Artes Gráficas, Lda.
	Braga, Portugal
Propriedade	Brotéria – Associação Cultural e Científica
	NIPC 503312070
Direção, administração, assinaturas e distribuição	Rua de S. Pedro de Alcântara, 3
	1250–237 Lisboa, Portugal
	Telefone 213 961 660 / Fax 213 956 629
	revista@broteria.org
	www.broteria.org
Assinatura 2021	Portugal 60€ / Outros países 100€
Assinatura Digital	40€
Número avulso	Portugal 8€ / Outros países 12€
IBAN	PT50 0007 0101 0046 1660 0022 5
ISSN	0870–7618
Depósito legal	54960 / 92
Tiragem	1200 exemplares
Periodicidade	Mensal

316 Editorial
DANTE OU O ELOGIO
DO PENSAMENTO CRÍTICO
António Júlio Trigueiros SJ

Assinalam-se neste ano 700 anos sobre a morte no exílio em Ravenna, em 1321, do poeta de Dante Alighieri. O Papa Francisco acabou de publicar no passado dia 25 de Maio a carta apostólica *Candor lucis aeternae* (Esplendor da luz eterna), na qual celebra a vida histórica e literária do grande poeta florentino, a quem chama «profeta de esperança e testemunha da sede de infinito presente no coração do homem». Mas a reivindicada pertença de Dante à Igreja por parte dos papas, não deverá ser lida em chave triunfalista, mas acolhendo as palavras de crítica profética pronunciadas pelo poeta contra quem devia anunciar o Evangelho e representar, não a si próprio, mas a Cristo.

319 Atualidade
A GEOPOLÍTICA
DA COVID 19
Maria de Belém Roseira

Desvalorizar a importância geoestratégica da Saúde é um erro clamoroso. Ao longo de todo este tempo, a OMS repetidamente sublinhou a elevadíssima probabilidade do surgimento de uma pandemia com os contornos que a Covid-19 apresenta. Estamos, agora, a sentir na pele a dimensão da tragédia social e económica da transformação do risco em realidade. Em número de mortes e de infectados. Em encerramento das actividades económicas e na miséria que provoca a perda de rendimentos. Estamos a sofrer as consequências, da forma mais dura, do erro político da falta de antevisão e da falta de avaliação de impacto nos riscos para a saúde de muitas das decisões que têm vindo a ser tomadas, mesmo no âmbito da construção europeia, e que puseram em causa equilíbrios geoestratégicos básicos.

327 Atualidade
RUANDA E FRANÇA:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E FUTURO
Teresa Nogueira Pinto

O processo de reaproximação entre a França e o Ruanda é dirigido por dois líderes pragmáticos. Desde que chegou ao poder, Paul Kagame fez da história, e em particular da história do genocídio, um dos principais fatores de legitimação da sua liderança. Emmanuel Macron, por sua vez, é o primeiro presidente francês de uma geração que não viveu o colonialismo e que, talvez por isso, estabeleça uma diferença entre protagonistas e herdeiros da história. Mas se no caso das relações entre a França e o Ruanda este pragmatismo pode lançar as bases para uma relação mais próxima e uma verdadeira parceria entre iguais, é provável que outros passados se mostrem mais difíceis de ultrapassar.

334 Sociedade e Política
O INTERIOR: REPRESENTAÇÕES
DO TERRITÓRIO
E CARTOGRAFIAS IMAGINÁRIAS
Álvaro Domingues

Representado em mapas, o interior é uma coisa pouco clara. Mais do que continuar a usar (e a gastar) a palavra e os sentidos dúbios de interior (e da dicotomia litoral/interior), mais vale entender de que é que se fala quando se fala do interior e da interioridade. Num país-arquipélago, com ilhas grandes, ilhas médias (capitais de distrito e outras) e territórios “submersos” (cerca de 68% do território nacional), o *interior* não é uma cartografia, é um estado difuso de apatia económica, despovoamento, envelhecimento e rarefacção demográfica.

345 Sociedade e Política
CENTRO NACIONAL DE CULTURA:
MEMÓRIA VIVA
Guilherme d'Oliveira Martins

O Centro Nacional de Cultura nasceu há mais de 75 anos. É uma história longa, mas plena de múltiplos contributos e de muitas vidas. Aqui a cultura existiu como encruzilhada de memória e de novidade, de tradição e de modernidade. Desde 13 de Maio de 1945 até hoje, houve um longo caminho percorrido. Afonso Botelho, António Seabra e Gastão da Cunha Ferreira fundaram-no como ponto de encontro e de reflexão. A política do património cultural, centrada na integração, no conhecimento e na ação, deve ser articulada, como fator de coesão territorial, de integração social e de desenvolvimento sustentável, dentro das fronteiras e para além das fronteiras. Um novo conceito de fronteira constitui uma das preocupações do CNC, ciente de que a cultura tem de ser vista como um fator de aproximação e não de separação.

351 Religião
A ÍNDOLE PASTORAL DA
DOCTRINA CRISTÃ:
CONSERVAÇÃO E MUDANÇA
José Frazão Correia SJ

A índole pastoral da doutrina cristã determinou radicalmente o ponto de partida e o tom do Concílio Vaticano II – este princípio permanece, porém, insuficientemente apropriado. Ele compreende a relação pastoral como elemento constitutivo da própria doutrina, que não é entendida simplesmente como verdade intemporal, lei abstracta, mas, sobretudo, como tradução do Evangelho que salva, não podendo para isso deixar de implicar aqueles a quem se oferece – é esta a substância que não muda. A pastoral deixa então de ser mera aplicação instrumental, para ser anúncio vivo do Senhor da vida, na forma de relação que atende e cuida dos destinatários na sua particularidade biográfica e contexto cultural.

364 História
ELESBÃO E EFIGÊNIA,
DOIS SANTOS NEGROS NUMA
CAPELA MINHOTA
António Andresen Guimarães

Quem foram Elesbão e Efigénia, cabe perguntar, uma vez que não são nomes que façam parte da hagiografia mais conhecida. O relato hagiográfico destes dois santos é muito interessante, como o é também a história do seu culto, onde nasceu e como se propagou. Muito divulgada sobretudo no século XVIII, a devoção foi perdendo alento, sendo hoje, mesmo nos países ibéricos onde ela teve maior divulgação, praticamente desconhecidos os seus nomes. Os autores que se têm debruçado sobre o estudo da devoção destes santos no Brasil têm assinalado o papel de evangelização que a mesma desempenhou junto da população negra de escravos e libertos, juntamente com o culto que era dedicado a São Benedito de Palermo e António de Noto, ambos franciscanos, também santos negros, embora o último não tenha chegado a ser canonizado.

375 Artes e Letras
ELOQUÊNCIA E ESPETACULARIDADE
NOS SERMÕES ITALIANOS
DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA
Manuel Ferro

O reduzido *corpus* dos Sermões italianos do P.e António Vieira proporciona a oportunidade de se analisar o modo como o insigne pregador superou as dificuldades de expressão quando se vê confrontado com o uso da língua italiana. O “desfasamento” que ele próprio aponta na expressão e composição dos textos é mais notado se forem confrontados com a respetiva versão portuguesa posteriormente realizada. Em compensação valoriza-se uma estratégia semiológica que se articula com o plano da retórica, de modo que a componente cénica desempenha um papel fundamental para colmatar as dificuldades a superar.

O QUE É SER ESCRITOR JESUÍTA
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO?

MANUEL ANTUNES,
DO SCRIPTOR AO AUCTOR
Pierre-Antoine Fabre

A interrogação acerca do estatuto d'*aquela que escreve* na sua ordem religiosa faz-nos indagar: como e quando é que ele se torna, mais do que *scriptor*, um *auctor*? Como é que ele traça a via da sua vocação e do seu talento, ao mesmo tempo que obedece? Sabendo da celebração que iria ocorrer em Lisboa por ocasião do centenário do nascimento de Manuel Antunes, perguntávamos ainda: que alterações podiam ter estas questões, se as trasladássemos do período moderno para pleno século XX? Ou, noutros termos, como conceber a obra de Manuel Antunes como *escritor jesuíta*? Que novos quadros produziu a época contemporânea – após a restauração da Companhia de Jesus, em 1814 – para poder definir o seu estatuto de uma maneira diferente?

CADERNO CULTURAL

399	LEGÓMENA
400	ÁGORA
401	PATRIMÓNIO
405	MUSEU
407	CINEMA
408	SÉRIES
409	RECENSÕES
415	NA BROTÉRIA

ELOQUÊNCIA
E ESPETACULARIDADE
NOS SERMÕES
ITALIANOS DO PADRE
ANTÓNIO VIEIRA

Manuel Ferro

UC – CENTRO INTERUNIVERSITÁRIO
DE ESTUDOS CAMONIANOS

ARTES E
LETRAS

Corria o ano de 1669. O Padre António Vieira chega a Roma a 21 de Novembro, depois de se ter encontrado com Cosme de Médicis em Marselha, com ele ter feito a viagem até Florença e aí ter permanecido até receber a devida licença do Padre-Geral para se deslocar à capital da Cristandade. Como sabemos, o pretexto da deslocação era a reativação do processo de canonização do Beato Inácio de Azevedo, embora, na realidade, fosse a obtenção de um breve pontifício que o isentasse da jurisdição da Inquisição portuguesa¹. Era aguardado por duas carroças com o padre assistente de Portugal, o Pe. Gaspar Correia, e outros muitos senhores, duas milhas fora de Roma, como era hábito fazer-se para visitas de reconhecida importância. Precedia-o, de resto, a fama de grande teólogo e brilhante pregador, o que lhe facultou de imediato as graças do Colégio Cardinalício, do patriciado romano, já para não referir do Geral João Paulo Oliva². Não admira, por isso, que o Padre-Geral da Companhia logo insista para que Vieira comece a preparar a edição dos *Sermões*, como forma de reabilitação da sua imagem, como o encoraje ainda a fazer uso da palavra, manifestando a sua admiração pela assombrosa oratória do português. Deste período de 1669 a 1675 resulta, portanto, um *corpus* razoável de sermões, vinte e um na totalidade, e um discurso, *Le Lacrime di Eraclito*, pronunciado em 1674 e em língua italiana, nos salões da Rainha Cristina da Suécia. Desse conjunto, onze foram ditos em português, e só dez em italiano, dos quais sete nos chegaram nas suas versões publicadas antes da *editio princeps*. Os restantes três – o *do Santíssimo Sacramento*, de 9 de Fevereiro de 1673, apresentado em São Lourenço em Dâmaso, com a assistência de dezanove cardeais; o *da Quinta Terça-Feira de Quaresma*, pregado a 21 de Março de 1673, provavelmente na Igreja de San Salvatore in Lauro, diante da Rainha Cristina; e o *das Cadeias de São Pedro*, pronunciado na Igreja de S. Pietro in Vincoli, no primeiro de Agosto de 1674 – como ainda permanece em aberto o debate de natureza filológica quanto aos originais italianos sobre os quais se terá feito a tradução portuguesa, pelo facto de ainda não terem sido definitivamente identificados, matéria em estudo por Sónia Salomão e a sua equipa, não são, por consequência, objeto das nossas considerações. Fundamentalmente, interessam-nos aqui o *Sermone delle Stimmate di*

- 1 Cf. de BARROS, André, *Vida do Padre António Vieira* (Lisboa: J. M. Seabra & T. Q. Antunes, 1858), 227-255; AZEVEDO, J. Lúcio, *História de António Vieira*, Vol. 2, Tomo II (Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1918-1920), 107-120; PINTO DE CASTRO, Aníbal, *António Vieira. Uma Síntese do Barroco Luso-Brasileiro* (Lisboa: CTT Correios de Portugal, 1997), 155-157.
- 2 Sobre a estadia do Pe. António Vieira em Roma, cf. Teresa Leonor M. Vale, “Vieira em Roma. Agente político, agente cultural”, em *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional (Lisboa, 1987). Actas*, Vol. I, Braga (Braga: Universidade Católica Portuguesa/ Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1999) 689-706

S. Francesco, o *Sermone del Beato Stanislao* e o ciclo de sermões intitulado *Le Cinque Pietre della Fionda di David*. O primeiro, pregado a 17 de Setembro de 1672, na confraria da atual Igreja delle Stimate di S. Francesco, em Roma, constitui a primeira prova de fogo do orador português em língua italiana. O segundo, de 13 de Novembro de 1674, dia da festa do beato em causa, foi apresentado na celebração festiva, na Igreja de Sant'Andrea al Quirinale, já que tinha sido ali que o Santo havia passado parte do seu noviciado e ali repousam as suas relíquias. Este sermão é pronunciado a par de outro da responsabilidade do próprio Geral da Companhia, no mesmo dia, merecendo ambos, depois, a publicação conjunta. O ciclo de sermões *Le Cinque Pietre della Fionda di David* foi pronunciado durante cinco terças-feiras consecutivas da Quaresma do ano de 1674, de 14 de Fevereiro a 13 de Março, no Oratório dos Piceni, junto da Igreja de San Salvatore in Lauro, perante a corte da Rainha Cristina.

Se os textos italianos do Padre Vieira têm ultimamente despertado o interesse de estudiosos, como atesta o recente ensaio da autoria de Sara Peleri, da Universidade de L'Aquila, “«Con diciture mediocre, qual conviene al serio della predica»: le prime traduzioni italiane dei *Sermoens* do P. António Vieira”³, o certo é que os sermões compostos na língua de Dante e Petrarca já antes mereceram alguma atenção da parte de especialistas como Margarida Vieira Mendes⁴, sendo, no entanto, de relevar o atento estudo de Sónia Salomão⁵, que a eles tem dedicado uma série de ensaios e intervenções em Colóquios e Congressos, para além de ter sido a responsável pela respetiva edição, que aqui utilizamos, com um estudo introdutório e notas⁶.

Na senda dos caminhos por ela abertos, um aspeto nos despertou particular curiosidade, tendo em conta as reiteradas declarações do

- 3 PELERI, Sara, “«Con diciture mediocre, qual conviene al serio della predica»: le prime traduzioni italiane dei *Sermoens* do P. António Vieira”, in *Românica*, 20, 2011, (Lisboa: Departamento de Línguas Românicas da Universidade de Lisboa, 2011), 163-179.
- 4 Cf. “Impressões Italianas”, em VIEIRA MENDES, Margarida, *A Oratória Barroca de Vieira* (Lisboa: Editorial Caminho, 1989), 359-363.
- 5 SALOMÃO, Sónia Netto “Os sermões ‘italianos’ de António Vieira: contribuições para um estudo crítico”, in VIEIRA MENDES, Margarida, GONÇALVES PIRES, Maria Lucília e MIRANDA, José da Costa (Org.), *Actas do Colóquio «Vieira escritor»* (Lisboa: Edições Cosmos, 1997), 65-77
Idem, “O primeiro sermão em italiano de António Vieira: o *Sermone delle Stimate di S. Francesco* (1672)”, em LANCASTRE, Maria José de; PELOSO, Silvano e SERANI, Ugo (eds.), «*E vós, Tágides minhas*». *Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio* (Viareggio-Lucca: Mauro Baroni Editore, 1999), 605-617; *Idem*, “*Vieira pregador em Roma: os cinco «cansadíssimos sermões da rainha»*”, em *Terceiro Centenário do Padre António Vieira. Congresso Internacional* (Lisboa, 1987). *Actas*, Vol. III, loc. cit., 1801–1814.
- 6 VIEIRA, António, *Sermões Italianos*. Edição, introdução e notas de Sónia N. Salomão (Viterbo: Centro Studi Antonio Vieira / Sette Città, 1998).

pregador perante as dificuldades naturalmente sentidas em ter de usar uma língua que lhe é estranha e perante a qual se inibia de ousar construir o elegante discurso a que estava habituado e a que havia acostumado os seus ouvintes sempre que usava a língua materna. Na carta ao Marquês de Gouveia, datada de 24 de Setembro de 1672, uma semana após a pregação do *Sermone delle Stimmate di S. Francesco*, portanto, declara mesmo:

Se V. Ex.^a ouvir dizer que o padre Vieira pregou em Roma em língua italiana, não condena V.^a Ex.^a a temeridade, porque ele a teve por tal, e resistiu, não só aos empenhos de grandes senhores desta corte, mas ao desejo e instâncias do seu geral, o qual por última resolução lhe pôs obediência que pregasse, respondendo a todas as objecções que ele lhe mandava que se desonrasse a si, e o desonrasse a ele e desonrasse a Companhia; e assim o fiz.⁷

De igual modo, dois dias depois, escreve a Duarte Ribeiro de Macedo, a dar-lhe conta do sucedido:

Não posso deixar de dar conta a V. S.^a que um dia destes me obrigaram a pregar em italiano, em uma das maiores solenidades desta Cúria. E porque V. S.^a o não atribua a temeridade, não havendo eu feito estudo algum desta língua, quero que seja presente a V. S.^a que fiz por mais de um mês as mais obstinadas resistências, até que o nosso padre-geral, que é o mais empenhado em que eu pregue, me mandou por obediência o fizesse; respondendo às objecções que ultimamente lhe fiz, fundadas na impossibilidade minha e crédito da religião, estas formais palavras: “Quero que V. Rev.^a se desonre a si e me desonre a mim e desonre a Companhia, e assim o mando a V. Rev.^a” Este foi o preceito. Eu cuido que o cumpri à risca, mas o auditório disse que não.⁸

Se, por um lado, o deslumbramento de falar naquele *teatro mundi* o estimulava, por outro, a insegurança resultante de fazer uso de um código linguístico de que tem consciência não saber dominar tão à vontade, levam-no a tratar dessa preocupação em carta de 8 de Outubro de 1672, dirigida ao mesmo destinatário:

Acrescenta-se a este trabalho o da aplicação à língua italiana, e quererem à força que fale nela em público, que é a mais terrível obediência que se podia impor à minha idade; mas lembro-me

7 “Carta CCXLI”, em VIEIRA, António, *Cartas*, Vol. 2 (Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1971), 491-492.

8 *Idem*, “Carta CCXLII”, *idem, ibidem*, vol. 2, 493-494.

de que a S. Pedro disse Cristo: *Cum esses junior, cingebaste; postquam autem senueris, alius cinget te et ducet te quo non vis. V. S.^a* me tenha compaixão [...].⁹

E mesmo assim, mais de um ano depois, após já uma experiência razoável nestas práticas, quando a Rainha Cristina lhe solicita para integrar o seu salão literário e é nomeado seu pregador, afloram ainda as mesmas perplexidades, que são expressas na missiva de 26 de Dezembro de 1673, dirigida uma vez mais a Duarte Ribeiro de Macedo:

O que se passa em Roma é que a rainha da Suécia, contra todas as minhas repugnâncias, e com obediência expressa do padre-geral, me tem nomeado seu pregador, e eu fico com o encargo de fazer na sua capela todas as pregações, duvidando qual seja a maior dificuldade, se haver de falar em italiano, se haver de satisfazer a um tal juízo que aqui se reputa sem controvérsia pelo mais ardente e sublime *utriusque sexus*. Costuma achar-se naquele lugar tudo o maior e melhor de Roma, e eu acho-me com os meus anos e com o nosso pouco gosto.¹⁰

Por conseguinte, perante as dificuldades então sentidas, mas extraordinariamente bem dissimuladas e aqui sem preconceito algum denunciadas, fomos levados a reler com mais atenção os sermões italianos na expectativa de rastrear as estratégias usadas para superar os obstáculos que se lhe levantavam. Na realidade, despertados pelo carácter espetacular de que a oratória sacra se reveste nesta época, em que o púlpito assume as características de um palco, não será despropositado associar os princípios da retórica aos elementos constituintes do teatro de matriz aristotélica para melhor identificarmos as técnicas de compensação usadas pelo orador, nos momentos em que a expressão linguística não atinge a intensidade do sublime patente nos sermões em português. Aliás, do cotejo estabelecido por Margarida Vieira Mendes entre excertos retirados dos sermões italianos com as partes correspondentes das traduções portuguesas posteriores, evidencia-se, além das variantes apontadas, o grau de elaboração a que estes foram posteriormente submetidos, mediante a introdução de comentários metalinguísticos, aditamentos e amplificações, correspondentes às preocupações estéticas do autor, por vezes permitindo até a transformação de meras alusões em pequenos núcleos narrativos¹¹. Por conseguinte, as versões originais italianas, neste sentido, estão mais de acordo com o carácter teatral mencionado por

9 *Idem*, “Carta CCXLV”, *idem, ibidem*, vol. 2, 499.

10 *Idem*, “Carta CCCXIX”, *idem, ibidem*, vol. 2, 669.

11 Cf. VIEIRA MENDES, Margarida, “Impressões Italianas”, *loc. cit.*, 359-363.

José van den Besselaar¹², pelo que se chega até a referir, neste contexto, rivalidades existentes entre pregadores e, por parte do público, a substituição de um espetáculo por uma pregação, o que move ainda o ilustre estudioso de Vieira a acentuar deste modo o carácter mundano desta prática¹³. Aliás, nada de que o próprio Vieira não tenha consciência, reconhecendo até esta componente teatral quando afirma:

Os ouvintes vêm à pregação como à comédia; e há pregadores que vêm ao púlpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as comédias em Portugal, mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram do teatro ao púlpito. Não cuideis que encareça em chamar comédia a muitas pregações das que hoje se usam. Tomara ter aqui as comédias de Plauto, de Terêncio, de Séneca, e veríeis se não acháveis nelas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros e muito mais sólidos do que hoje se ouvem nos púlpitos. Grande miséria, por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano e gentio que nas pregações dum orador cristão e, muitas vezes, sobre cristão, religioso!¹⁴

Perante semelhantes declarações, não nos parece, pois, despropositado o recurso a elementos colhidos da leitura da *Poética*¹⁵ aristotélica, que depois se articulam intrinsecamente com outros da *Retórica*¹⁶ de maneira tão harmoniosa e natural, que se aceitam como espontâneos, pelo que nem parecem estranhas as críticas ao estilo engenhoso que o próprio Vieira tece, como Maria Lucília Gonçalves Pires¹⁷ aponta e Margarida Vieira Mendes sublinha a propósito do *Sermão da Sexagésima*¹⁸. Nesta ordem de

12 Cf. VAN DEN BESSELAAR, José, *António Vieira: o homem, a obra, as ideias*, (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981), 70-71.

13 Sobre esta matéria, veja-se igualmente de Maria Lucília Gonçalves Pires, “Pregador e ouvintes nos sermões de Vieira”, em GONÇALVES PIRES, Maria Lucília, *Xadrez de Palavras: Estudos de Literatura Barroca* (Lisboa: Edições Cosmos, 1996), 87-100.

14 “Sermão da Sexagésima” em VIEIRA, António, *Sermões*. Vol. I (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008) p. 33.

15 ARISTÓTELES, *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira; Tradução e notas de Ana Maria Valente, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004)

16 ARISTÓTELES, *Retórica* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998).

17 GONÇALVES PIRES, Maria Lucília, “Mistério e triunfo na oratória de Vieira”, p. 115, em *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional* (Lisboa, 1987). *Actas*, Vol. I (Braga: Universidade Católica Portuguesa / Província Portuguesa da Companhia de Jesus), 103-117.

18 Cf. VIEIRA MENDES, Margarida, “Apresentação crítica” a Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos Peixes) e Sermão da Sexagésima*, (Lisboa: Seara Nova, 1978), 34, na secção que trata da “Linguagem e natureza”, e pp. 39-40, na secção intitulada “O «estilo culto»”.

ideias, sejam de ter em conta os conceitos de *lexis* e de *opsis* da tragédia grega, que Maria Helena da Rocha Pereira tão esclarecedoramente expõe, mostrando que ao primeiro se deve associar a ideia de “elocução”, proposta por uns, de “estilo”, defendida por outros, ou ainda de “expressão verbal”, enquanto a *opsis* está mais relacionada com o espetáculo em si, valorizando a encenação como parte externa da composição dramática¹⁹. Abre-se, deste modo, caminho para a consideração de um outro binómio, igualmente estudado por esta eminente helenista noutra lugar: o da matéria e da forma na tragédia²⁰. Ou então, visando-se abordagens distintas do discurso dramático, assim como da oratória, joga-se com o concurso de diferentes sistemas de significação ou, pelo menos, com a exploração da componente simbólica e com a carga significativa dos signos, numa abordagem de carácter semiológico²¹, em que se procede à análise da componente cénica e dos elementos materiais da representação²².

Assim, não terá sido por acaso que o primeiro sermão em italiano terá sido pregado perante um quadro, provavelmente de G. Brandi (1623-1691), *S. Francesco riceve le Stimmate*, hoje deslocado para o oratório e substituído por outro do mesmo tema, de Francesco Trevisani (1656-1746), patrocinado pelo Príncipe Ruspoli, em 1719. Adotava-se, assim, uma tradição mista de pregação dos sermões “de aparato”, que desenvolvem um tema simultaneamente apresentado em pintura²³ e que permitem a exploração de recursos de natureza efrástica. Por esse motivo, o início do sermão arranca com um forte apelo à componente visual do que se observa – aspeto que remete também para o princípio horaciano *ut pictura poesis*, ao tempo altamente valorizado – bem como para um dos tópicos enunciados no capítulo 4 do *Sermão da Sexagésima* e

- 19 ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “*Lexis* e de *opsis* da tragédia grega”, em BRASEDE, Maria Fernanda Brasede (Coord.), *Máscaras, Vozes e Gestos: nos caminhos do teatro clássico* (Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001), 9-25. Sobre a aplicação destes conceitos ao contexto específico do teatro senequiano, veja-se “A *opsis* deduzível a partir do texto senequiano e do contexto teatral greco-latino”, em FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido, *Sêneca em Cena. Enquadramento na Tradição Dramática Greco-Latina* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011), 263-355.
- 20 ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Matéria e da Forma na tragédia grega”, em *Biblos*, Vol. LXVII, 1991, 1-14.
- 21 Cf. BORQUE, José María Díez e LORENZO, Luciano García, *Semiologia del Teatro* (Barcelona: Editorial Planeta, 1975), 11.
- 22 A propósito desta matéria, veja-se Patrice Pavis, *L’analyse des spectacles* (Paris: Éditions Nathan, 1996).
- 23 Sobre esta questão, cf. Vítor Serrão, “A parenética e a linguagem da pintura no tempo do Padre António Vieira”, em Margarida Vieira Mendes, Maria Lucília Gonçalves Pires e José da Costa Miranda (Org.), *op. cit.*, pp. 135-143, bem como Adélia Maria Caldas Carreira, “Barroco: a retórica imagética”, em *Terceiro Centenário do Padre António Vieira. Congresso Internacional* (Lisboa, 1987). *Actas*, Vol. I, *loc. cit.*, 233-244.

igualmente apontado por Margarida Vieira Mendes na secção da “Tópica preceptística”²⁴ – o de pôr diante dos olhos, de tornar visual o assunto abordado, aplicando um preceito e adotando a prática intencional do visualismo patético. Depois, os apelos e as invetivas dirigidos ao auditório, as sinestesias visuais e auditivas para a valorização do observado em detrimento da palavra dita, o uso de alegorias e símbolos, as construções paralelísticas e as repetições, o recurso a jogos de espelhos, num claro intuito moralizante e pedagógico, as enumerações e os quiasmos, o alinhamento de perguntas retóricas, assim como de exclamações enfáticas e frases breves, com um ritmo bem marcado, são os recursos retóricos mais correntes que o orador utiliza, para melhor desenvolver o tema dos estigmas de S. Francisco. O domínio da retórica, apesar da insegurança linguística sentida neste primeiro sermão em italiano, sensível para quem conhece o estilo avassalador de Vieira²⁵, faz transparecer a importância dos conhecimentos bebidos e interiorizados no âmbito desta disciplina prescrita na *Ratio Studiorum*²⁶, bem como a utilidade do domínio pleno de manuais como a *Retórica* de Aristóteles ou obras de autores como Cícero e Quintiliano, entre outros mais sugeridos para alcançar a eloquência perfeita²⁷. E assim se desenvolve a argumentação para mostrar a necessidade e a pertinência de se renovar a “estampa” da imagem de Cristo em S. Francisco, a fim de corrigir os defeitos do original (ao nível dos “impressores”, dos instrumentos e das próprias chagas) e não da renovada “impressão”. E à medida que o discurso progride, Vieira alcança a necessária confiança para desenvolver com agudeza os conceitos selecionados, ganhando força e tensão persuasiva.

No *Sermone detto nella Solennità del Beato Stanislao*, o início alude de imediato a essa insegurança no domínio da língua alheia, colocando-se ao nível dos que não sabem bem falar:

24 Cf. “Tópica preceptística”, em VIEIRA MENDES, Margarida, *A Oratória Barroca de Vieira*, loc. cit., 147-149 e 152-156.

25 Sobre a relação do discurso de Vieira com a *Ratio Studiorum*, veja-se de Aníbal Pinto de Castro, “O Texto de António Vieira, um paradigma do estilo barroco”, em OLIVEIRA MARTINS, José Cândido de (Org.), *Padre António Vieira. Colóquio* (Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2009), 17-34.

26 Cf. *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus. Regime Escolar e Curriculum de Estudos*. Versão Portuguesa de Margarida Miranda, (Lisboa: Esfera do Caos, 2009), 198-209. A este fim, seja de considerar a esclarecedora apresentação de Margarida Vieira Mendes sobre a pedagogia jesuítica, em que destaca a importância primordial atribuída à retórica, à filosofia e aos exercícios espirituais e a consequente prática histórica dos jesuítas em, “Apresentação crítica”, loc. cit., 15-29.

27 Sobre esta matéria, veja-se de Carlos Henrique do Carmo Silva, “Retórica e discernimento nos ‘Sermões’ do Padre António Vieira”, em *Terceiro Centenário do Padre António Vieira. Congresso Internacional* (Lisboa, 1987). *Actas*, Vol. III, loc. cit., 1495-1518.

Lodar il figliuolo nella madre e la madre pel figliuolo fu ritrovamento non volgare di una eloquenza del volgo. Così disse chi non aveva imparato a ben parlare e così farò io.²⁸

Expõe, de seguida, as ideias mestras a desenvolver, que acabam por determinar a tripartição do sermão:

Stanislao tre volte nato, ma da tre madri. E che madri furono queste? Una in Polonia illustrissima, l'altra in Germania divinissima, l'ultima in Roma perfettissima. In Polonia la madre naturale, che gli diede il primo essere; in Germania la madre di Dio e sua, che gli diede il secondo; in Roma la Compagnia di Gesù, che gli diede l'ultimo e, appena concepito, lo seppellì.²⁹

Construído de modo linear, sem grandes efabulações, nem silogismos arrojados³⁰, neste segundo sermão em italiano vê-se que o jesuíta optou por uma exposição clara, austera, em que a ausência do suporte visual anteriormente usado é compensada por uma composição mais requintada dentro da brevidade seguida neste tipo de sermões, se bem que recorrendo a comparações e a paralelismos de situações esclarecedores, à exposição dos milagres conhecidos e ao uso de interrogações para conferir vitalidade ao discurso³¹. O virtuosismo aí demonstrado mereceu mesmo o encómio do Geral da Companhia, Pe. João Paulo Oliva, em carta que dirige ao orador³², onde evidencia o bom uso da linguagem panegírica, referindo, posteriormente, o hábil uso de metáforas, comparações e hipérboles, como Maria Lucília Gonçalves Pires aduz com base noutras mais missivas³³.

28 "Sermone del Beato Stanislao", p. 105, em VIEIRA, António, *Sermões Italianos*, loc. cit., 99-131.

29 *Idem, ibidem*, pp. 105-106.

30 Sobre a linha de raciocínio de Vieira, veja-se de Audemaro Taranto Goulart, "A Inteligência Dialéctica nos Sermões de Vieira", em *Terceiro Centenário do Padre António Vieira. Congresso Internacional (Lisboa, 1987). Actas*, Vol. III, loc. cit., pp. 1471-1494.

31 Sobre o uso da interrogação no discurso vieirino, cf. João Barrento, "Forma e Função da Interrogação nos Sermões de Vieira", em Hans Flasche (Hrsg.), *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, 7. Band, 1967, Münster Westfalen, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 145-194.

32 Pe. João Paulo Oliva, "Carta do mesmo P.e Geral, escrita ao P. Antonio Vieira, na occasião em que em Roma na Igreja do Noviciado de Santo André pregou de tarde o Sermaõ do Beato Estanislao, tendo prègado de manhã o author desta Carta; em que também louva o Panegyrico das lagrimas de Heraclito, que anda neste Tomo", em Padre António Vieira, *Sermões*, Vol. XIV, Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1710), 209-210.

33 Cf. Maria Lucília Gonçalves Pires, "Mistério e triunfo na oratória de Vieira", loc. cit., p. 107.

O caso do ciclo *Le Cinque Pietre della Fionda di David* é completamente diverso. Mais de um ano tinha, entretanto, passado. Vieira havia superado as inseguranças iniciais e o brilho da retórica destes breves sermões transforma-os em pérolas: neles se espraia no aproveitamento dos mais diversos campos semânticos, explorando desde o valor simbólico dos astros ao das próprias pedras e esclarecendo o seu significado, como se verifica no do último dia, em que procede a essa descodificação:

La pietra veramente è d'un bel colore: non è smeraldo, ma verde. La prima fu bianca e trasparente, quale la richiedeva il conoscimento di se stesso; la seconda nera, pel dolor del ben perduto; la terza rossa, del color della erubescenza; la quarta del color del timor, pallida o gialla; e quest'ultima, come io diceva, verde del color della speranza: *spes aeterni gaudii*.³⁴

Curiosamente, deparamos aqui com um dos raros lapsos gramaticais cometidos por Vieira, no entanto por várias vezes repetido até ao longo do discurso em italiano: o erro no uso da desinência da primeira pessoa do singular do imperfeito do Indicativo, “dicevo/diceva”, por contaminação do português. Aparte esse detalhe, estes sermões são os mais acabados exemplares da eloquência de Vieira em língua italiana. Poderão ser colocados ao nível dos mais admiráveis em português e desenvolvem lapidarmente os temas que inicialmente propõem: o conhecimento de si próprio; a dor do bem perdido; a vergonha diante de Deus, dos homens e de si mesmo; o temor do castigo futuro, do Inferno dentro do próprio Inferno; e a esperança na salvação eterna. Aqui transparecem citações bíblicas de relevo e o aproveitamento de parábolas evangélicas, põe-se à prova o discurso engenhoso do autor³⁵, explora-se o simbolismo de figuras sugestivas como a do círculo e do labirinto, seguindo-se uma

34 “Le Cinque Pietre della Fionda di David. Sermone V” em Vieira, António, *Sermões Italianos*, *loc. cit.*, 224-242.

35 Cf. António José Saraiva, *O Discurso Engenhoso. Ensaio sobre Vieira*, (Lisboa: Gradiva, 1996) e de Leodegário de Azevedo Filho, “Sobre o estilo de Vieira”, em *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional (Lisboa, 1987). Actas*, Vol. III, *loc. cit.*, pp. 1677-1682. Não esqueçamos, além do mais, que no seu tempo se compuseram as grandes obras que sistematizam o conceito de discurso engenhoso: de Sforza Pallavicino, *Trattato sullo Stile e del dialogo*, Roma, per Andrea Fei, 1622; de Matteo Peregrini, *Delle Acutezze che altrimenti spiriti, vivezze e concetti volgarmente si appellano*, Genova, per Gio. Maria Farroni, Nicolo Pesagni & Pier Francesco Barbieri, 1639; de Lorenzo Gracián, *Agudeza y Arte de Ingenio*, Madrid, por Iuan Sanchez, 1642; e de Emanuele Tesauro, *Cannocchiale Aristotelico, o sia Idea dell'arguta e ingegnosa elocuzione che serve a tutta l'arte oratoria, lapidaria e simbolica esaminata coi principe del divino Aristotele etc.*, Venezia, Bagioni, 1655 e Torino, Zauatta, 1670.

exposição de teor filosófico das questões abordadas, e assume-se um tom profético no final³⁶. Apela-se à conversão das almas, esclarecendo-se que o gigante a atingir com as cinco pedras da funda de David é a cidade de Roma, metonímia do mundo inteiro. Vieira alcança aí o domínio pleno da retórica neste ciclo de sermões em italiano pregados em plena corte de Cristina da Suécia para deslumbramento do auditório e regalo espiritual dela e dos ouvintes do seu círculo.

A *lexis* e a *opsis* destes sermões transformam-nos, pois, numa conseguida exibição de talento, no ambiente daquele círculo de requinte e cultura, concedendo a Vieira o protagonismo espetacular ambicionado.

Afinal, além de “Imperador da Língua Portuguesa”, somos levados a reconhecer que o seu domínio se alargou igualmente ao da língua de Dante, Petrarca e Boccaccio...

36 Ao fim ao cabo, este ciclo de sermões acaba por assumir as características gerais enunciadas por José van den Besselaar (*Op. cit.*, p. 69), quando este trata de caracterizar genericamente, embora de modo bastante radical, os sermões do Pe. António Vieira: «[Os Sermões] surpreendem-nos de vez em quando com finas observações psicológicas e impressionam-nos frequentemente com o seu tom patético e, ao mesmo tempo, sincero. Contudo, só raro conseguem cativar-nos de todo. Não abrem novas ou fecundas meditações espirituais. A maneira como ele lida com proposições teológicas e dogmas cristãos, embora quase sempre dentro dos limites de uma ortodoxia correcta, dá-nos muitas vezes a impressão de uma acrobacia mental, sem muita substância».

GEOPOLÍTICA
DA COVID 19
Maria de Belém Roseira

RUANDA E FRANÇA:
MEMÓRIA
E FUTURO
Teresa Nogueira Pinto

O *INTERIOR*:
REPRESENTAÇÕES DO
TERRITÓRIO
E CARTOGRAFIAS
IMAGINÁRIAS
Álvaro Domingues

OS 75 ANOS
DO CENTRO NACIONAL
DE CULTURA
Guilherme d'Oliveira Martins

ELESBÃO E EFIGÊNIA,
DOIS SANTOS
NEGROS NUMA CAPELA
MINHOTA
António Andresen Guimarães

A ÍNDOLE PASTORAL
DA DOCTRINA
CRISTÃ
José Frazão Correia SJ

O JESUÍTA
MANUEL ANTUNES,
DO *SCRIPTOR*
AO *AUCTOR*
Pierre-Antoine Fabre

ELOQUÊNCIA
E ESPETACULARIDADE
NOS SERMÕES
ITALIANOS DE VIEIRA
Manuel Ferro

+
Caderno Cultural

CARTA
DE MONICA CALLE

MUSEU DE OLARIA
DE BARCELOS

O TEMPO DAS IGREJAS VAZIAS
DE THOMAS HALIK

REVISTA PUBLICADA PELOS JESUÍTAS
DESDE 1902

www.broteria.org